

AGRICULTURA EM SÃO PAULO

- Ano 1977 -

A análise global dos 26 principais produtos da agricultura paulista na safra 1976/77, permite avaliar um acréscimo do valor bruto da produção, em relação à 1975/76, de 30,1% em valores reais (quadro 1). Para esse cálculo utilizou-se como deflator o Índice "2" da Conjuntura Econômica, considerando-se a sua variação média entre os anos 1976 e 1977, que corresponde ao valor 0,700647. Ao se excluir o café, essa taxa de crescimento passa para 3,5%, pois este produto apresenta uma produção física 304,8% acima da observada em 1975/76. Exclusivamente em termos físicos, ou seja, considerando somente a variação quantitativa da produção entre 1976/77 e 1975/76, a preços de 1975/76, a agricultura paulista cresceu em 36,4%; excluindo-se o café, essa taxa ainda permanece positiva, caindo porém, ao nível de 5,8%.

Globalmente, a renda bruta do setor é avaliada em mais de 66 bilhões de cruzeiros, 85,7% acima daquela observada em 1975/76. Os produtos vegetais respondem por 74,1% desse total e os produtos de origem animal pelos 25,9% restantes.

Quanto à importância relativa dos diferentes produtos, em termos de valor (quadro 2), verifica-se que o café ocupa destacadamente o primeiro lugar (28,6%), seguindo-se a cana-de-açúcar (15,0%), as aves e ovos (9,1%), a carne bovina (8,7%), o leite (6,4%) e o algodão (4,8%). Juntos, estes totalizam 72,6% da renda do setor.

Entre os 26 produtos que são considerados no cálculo do valor bruto da agricultura paulista, apresentaram ganhos de renda real em 1976/77: café, cana-de-açúcar, leite, ovos, algodão, laranja, soja, feijão, batata, carne suína, cebola, tangerina, limão, mamona e chá verde. Os demais, tiveram suas rendas reais decrescidas.

Os 20 produtos vegetais apresentam entre esses dois anos um acréscimo de 44,0% na renda; excluindo-se o café, essa taxa passa a 4,3%. A renda bruta proporcionada pelos produtos de origem animal, em número de 6, também apresenta um acréscimo de 2,0% em relação à 1975/76.

INDICADORES DE DESEMPENHO

Os indicadores econômicos do setor, elaborados pelo Instituto de Economia Agrícola, compreendem os índices de preço, quantidade, valor, área plantada e rendimento (quadros 3 a 7). Os índices são elaborados a partir de informações sobre 21 dos principais produtos componentes da renda agrícola do Estado, sendo de se esperar que reflitam, com razoável precisão, a evolução da agricultura paulista.

Constatou-se para 1977, variações de -6,7% no índice de preços, de 12,6% no

QUADRO 1.- Valor da Produção de 26 dos Principais Produtos da Agricultura Paulista, Final da Safra 1975/76 e Estimativa Preliminar de 1976/77

Produto	Produção (1000t)		Preço (Cr\$/unidade)		Unidade	Valor corrente (Cr\$1000)		Valor real em Cr\$ 1000 de 1976 ⁽²⁾ 1976/77
	1975/76	1976/77 ⁽¹⁾	1975/76	1976/77		1975/76	1976/77	
Cafê	112,20	454,20	1.948,00	2.500,00	sc.60kg	3.642.760	18.925.000	13.259.744
Cana-de-açúcar	50.100,00	59.000,00	115,08	168,00	tonelada	5.765.508	9.912.000	6.944.813
Carne bovina	456,20	435,12	140,00	198,00	arroba	4.257.867	5.743.584	4.024.225
Leite (milhões litros)	1.536,80	1.565,30	1,86	2,70	litro	2.858.448	4.226.310	2.961.151
Ovos (milhões dúzias)	450,00	550,00	4,80	6,49	dúzia	2.160.000	3.569.500	2.500.959
Algodão	332,40	543,90	80,00	88,00	arroba	1.772.800	3.190.880	2.235.680
Laranja	3.984,00	4.060,00	12,00	30,00	cx.40kg	1.195.200	3.045.000	2.133.470
Milho	2.724,00	2.520,00	58,00	68,00	sc.60kg	2.633.200	2.856.000	2.001.048
Aves para corte	275,00	286,00	6,50	8,63	quilograma	1.787.500	2.468.180	1.729.323
Soja	765,00	768,00	110,00	170,00	sc.60kg	1.402.500	2.176.000	1.524.608
Feijão	139,70	201,60	443,00	500,00	sc.60kg	1.031.452	1.680.000	1.177.087
Batata	397,20	396,60	128,00	185,00	sc.60kg	847.360	1.222.850	856.786
Carne suína	72,10	72,80	120,00	205,00	arroba	576.800	994.933	697.097
Tomate envarado	296,80	313,30	3,24	2,77	quilograma	961.632	867.841	608.050
Amendoim	331,10	213,00	51,00	95,00	sc.25kg	675.444	809.400	567.104
Arroz	840,00	360,00	100,00	155,00	sc.60kg	1.400.000	930.000	651.602
Trigo	161,00	87,40	127,80	190,20	sc.60kg	342.930	277.058	194.120
Mandioca	610,00	710,00	700,00	754,00	tonelada	427.000	535.340	375.084
Banana	585,80	669,40	580,00	510,00	tonelada	339.764	341.394	239.197
Cebola	133,50	171,20	105,00	167,00	sc.45kg	311.500	635.342	445.150
Tangerina	573,80	556,80	14,00	30,00	cx.40kg	200.830	417.600	292.590
Uva de mesa	124,90	113,80	27,00	29,00	cx. 8kg	421.538	412.525	289.034
Limão	363,90	364,00	20,00	30,00	cx.40kg	181.950	273.000	191.277
Tomate rasteiro	250,00	300,00	0,66	0,86	quilograma	165.000	258.000	180.767
Casulo	5,50	5,30	26,00	30,00	quilograma	143.000	159.000	111.403
Mamona	27,00	25,00	2,40	4,80	quilograma	64.800	120.000	84.078
Chã verde	27,70	27,50	1,80	3,30	quilograma	49.860	90.750	63.584
Valor total da produção				(crescimento real = 30,10%)		35.616.643	66.137.487	46.339.031
Valor total da produção sem café				(crescimento real = 3,46%)		31.973.883	47.212.487	33.079.287
Valor total da produção de origem vegetal				(crescimento real = 43,98%)		23.833.028	48.975.980	34.314.873
Valor total da produção de origem vegetal sem café				(crescimento real = 4,28%)		20.190.268	30.050.980	21.055.129
Valor total da produção de origem animal				(crescimento real = 2,04%)		11.783.615	17.161.507	12.024.158
Valor total da produção a preços de 1975/76				(crescimento físico = 36,38%)		35.616.643	48.574.166	-

(1) Estimativa preliminar para produtos de origem animal.

(2) Deflador estimado em função da variação do índice "2" da Conjuntura Econômica, médias anuais de 1976 e 1977 (0,700647).

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 2.- Variação Percentual na Área Plantada, Produção, Rendimento, Preço e Valor da Produção de 26 dos Principais Produtos da Agricultura Paulista entre os Anos Agrícolas 1975/76 e 1976/77⁽¹⁾

Produto	Participação Percentual no Valor		Variação Percentual entre 1976/77 e 1975/76						
	1975/76	1976/77	Área	Produção	Rendimento	Preço		Valor	
						Corrente	Real ⁽²⁾	Corrente	Real ⁽²⁾
Cafê	10,23	28,61	20,00	304,81	138,33	28,34	-10,08	419,52	264,00
Cana-de-açúcar	16,19	14,99	10,36	17,76	6,71	45,99	2,28	71,92	20,45
Carne bovina	11,95	8,68	-	- 4,62	-	41,43	- 0,92	34,89	- 5,49
Leite	8,03	6,39	-	1,85	-	45,16	3,39	47,85	3,59
Ovos	6,06	5,40	-	22,22	-	35,21	- 5,23	65,25	15,79
Algodão	4,98	4,82	34,57	63,63	21,75	10,00	-22,94	79,99	26,11
Laranja	3,36	4,60	- 2,71	1,91	4,74	150,00	75,00	154,77	78,50
Milho	7,39	4,32	-10,71	- 7,49	3,61	17,24	-17,84	8,46	-24,01
Aves para corte	5,02	3,73	-	4,00	-	32,77	- 7,21	38,08	- 3,25
Soja	3,94	3,29	14,03	0,39	-11,96	54,55	8,30	55,15	8,71
Feijão	2,90	2,54	45,81	44,31	- 1,03	12,87	0,25	62,88	14,12
Batata	2,38	1,85	- 8,73	- 0,15	9,39	44,53	1,27	44,31	1,11
Carne suína	1,62	1,50	-	0,97	-	70,83	19,70	72,49	20,86
Tomate enervado	2,70	1,31	0,00	5,56	5,56	-14,51	-40,38	- 9,75	-36,77
Amendoim	1,90	1,22	-37,00	35,67	2,11	86,27	30,53	19,83	-16,04
Arroz	3,93	1,41	-44,06	-57,14	-23,39	55,00	8,60	-33,57	-53,46
Trigo	0,96	0,42	1,66	-45,71	-46,60	48,83	4,28	-19,21	-43,39
Mandioca	1,20	0,81	10,47	16,39	5,36	7,71	-24,53	25,37	-12,16
Banana	0,95	0,52	9,73	14,27	4,14	-12,07	-38,39	0,48	-29,49
Cebola	0,87	0,96	- 8,44	28,24	25,51	59,05	11,46	103,96	42,90
Tangerina	0,56	0,63	2,21	- 2,96	- 5,06	114,29	50,00	107,94	45,69
Uva de mesa	1,18	0,62	- 3,80	- 8,89	- 5,29	7,41	-24,77	- 2,14	-31,43
Limão	0,51	0,41	-15,23	0,03	-19,28	50,00	5,00	50,04	5,12
Tomate rasteiro	0,46	0,39	1,85	20,00	17,82	30,30	- 9,52	56,36	9,55
Casulo	0,40	0,24	-	- 3,64	-	15,38	-19,23	11,19	-22,10
Mamona	0,18	0,18	-19,90	- 7,41	14,44	100,00	40,26	85,19	29,75
Chã verde	0,14	0,14	- 4,17	- 0,72	3,59	83,33	29,82	82,01	27,53

⁽¹⁾ Estimativas preliminares para os produtos de origem animal.

⁽²⁾ Deflator estimado em função da variação do Índice "2" da Conjuntura Econômica. Valores reais correspondentes a Cr\$ de 1971.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

Índice de produção física e de 33,5% no Índice de valor. Excluindo-se o café, tais variações seriam de -4,9% para o Índice de preços, de 4,1% para a quantidade e de 4,6% para o Índice de valor real.

GRUPOS DE PRODUTOS

- Produtos Tradicionais, em Transição e Modernos

Esses grupos, constituídos segundo o estágio de desenvolvimento tecnológico, são também compostos por 21 produtos. Os tradicionais compreendem arroz, bovinos, feijão, leite, mamona e suínos; os em transição englobam amendoim, banana, café, cebola, chã, mandioca e milho; e os modernos abrangem algodão, batata, cana-de-açúcar, casulo, laranja, ovos, soja e tomate.

Relativamente à quantidade produzida, somente os produtos tradicionais apresentaram uma variação negativa (-12,0%). Os produtos em transição sofreram o maior acréscimo (45,0%), enquanto que os modernos cresceram 16,9%. No grupo dos tradicionais, apenas o feijão experimentou acréscimo considerável na produção (44,3%), enquanto que o arroz foi a principal contribuição negativa com -57,1% para o Índice de quantidade desse grupo. No grupo em transição, o café foi o grande responsável pela alta de incremento na produção, pois apresentou um crescimento de 304,8% em relação à 1975/76; convém destacar também, neste grupo, os acréscimos experimentados por: amendoim (35,7%), cebola (28,2%) e mandioca (16,4%). No grupo dos modernos, as principais contribuições positivas foram dadas por algodão (63,6%), ovos (22,2%), cana-de-açúcar (17,8%) e tomate (12,2%).

Em preços, somente os produtos tradicionais sofreram uma variação positiva (0,6%), enquanto que os em transição e os modernos decresceram em -10,2% e -7,6% respectivamente. Dentre os produtos, os que mais se destacaram com acréscimos de preços reais foram laranja (75,0%), mamona (40,3%), chã verde (29,8%), carne suína (19,7%), cebola (11,5%), arroz (8,6%) e soja (8,3%); com decréscimo em seus preços reais apareceram: tomate envarado (-40,4%), banana (-38,4%), mandioca (-24,5%), algodão (-22,9%), casulo (-19,2%), milho (-17,8%), café (-10,1%) e tomate rasteiro (-9,5%).

Quanto à área plantada, somente os produtos modernos apresentaram-na expandida em relação à 1975/76 (10,7%). Os produtos tradicionais (-19,0%) e os em transição (-2,7%), tiveram suas áreas de cultivo reduzidas neste ano agrícola 1976/77.

Quanto ao rendimento, os produtos tradicionais experimentaram uma queda (-13,0%), enquanto que os modernos e os em transição tiveram-no elevado em relação ao ano anterior de 4,9% e 25,3%, respectivamente.

Relacionando-se as variações nos fatores físicos com a variação em preços, obtêm-se as seguintes alterações no valor real da produção para os três grupos: tradicionais -5,8%, em transição 109,8% e modernos 18,6%.

QUADRO 3.- Índices de Preço Real por Grupo de Produtos e Evolução Percentual, Estado de São Paulo
Safras 1974/75 a 1976/77

Grupo	Número de Produtos	Preço ⁽¹⁾			Evolução percentual	
					1975/76	1976/77
		1974/75	1975/76	1976/77	1974/75	1975/76
Produtos tradicionais	6	142,75	119,09	119,84	-16,57	0,63
Produtos em transição	7	164,06	281,53	252,92	71,60	-10,16
Produtos modernos	8	98,35	119,07	109,98	21,07	- 7,63
Produtos de origem animal	5	136,79	116,70	117,71	-14,69	0,87
Produtos de origem vegetal	16	132,00	188,34	171,68	42,68	- 8,85
Produtos de origem vegetal sem café	15	116,36	125,66	115,83	7,99	- 7,82
Geral sem café	20	123,63	122,48	116,50	- 0,93	- 4,88
Geral	21	133,49	165,99	154,84	24,35	- 6,72

(¹) Índices construídos pelo método de Laspeyres, ponderação fixa no período 1962-66=100. Todos os preços foram transformados em Cr\$ de 1971 pelo índice "2" da Conjuntura Econômica. Base de comparação igual à de ponderação.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 4 .- Índices de Quantidade Produzida por Grupo de Produtos e Evolução Percentual, Estado de São Paulo
Safras 1974/75 a 1976/77

Grupo	Número de Produtos	Quantidade ⁽¹⁾			Evolução percentual	
		1974/75	1975/76	1976/77	1975/76	1976/77
					1974/75	1975/76
Produtos tradicionais	6	91,84	101,74	89,57	10,78	-11,96
Produtos em transição	7	88,75	69,19	100,32	-22,04	44,99
Produtos modernos	8	157,63	172,63	201,82	9,52	16,91
Produtos de origem animal	5	123,42	123,99	130,77	0,46	5,47
Produtos de origem vegetal	16	109,42	113,75	132,03	3,96	16,07
Produtos de origem vegetal sem café	15	111,47	132,68	137,23	19,03	3,43
Geral sem café	20	115,72	129,59	134,93	11,99	4,12
Geral	21	113,78	116,94	131,64	2,78	12,57

(¹) Índices construídos pelo método de Laspeyres, ponderação fixa no período base 1962-66=100.

(²) Estimativas preliminares para os produtos de origem animal.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 5.- Índice de Valor Real, por Grupo de Produtos, Participação Percentual do Valor de cada Grupo no Total dos 21 Produtos e Evolução dos Índices, Estado de São Paulo, Safras de 1974/75 a 1976/77⁽¹⁾

Grupo	Número de produtos	1974/75		1975/76		1976/77 ⁽²⁾		Evolução percentual	
		Índice	%	Índice	%	Índice	%	1975/76	1976/77
								1974/75	1975/76
Produtos tradicionais	6	133,20	34,07	120,18	31,18	113,18	22,06	- 9,77	- 5,82
Produtos em transição	7	145,64	29,65	120,18	24,72	252,14	38,81	-17,48	109,80
Produtos modernos	8	148,27	36,28	178,35	44,10	211,56	39,13	20,29	18,62
Produtos de origem animal	5	156,85	34,37	137,63	30,59	141,75	23,66	-12,25	2,99
Produtos de origem vegetal	16	135,30	65,63	141,61	69,41	208,17	76,34	4,66	47,00
Produtos de origem vegetal sem café	15	120,38	47,96	144,73	58,27	152,67	45,86	20,23	5,49
Geral sem café	20	133,35	82,33	142,20	88,85	148,79	69,52	6,64	4,63
Geral	21	142,02	100,00	140,37	100,00	187,45	100,00	- 1,16	33,54

⁽¹⁾ Índices simples, base 1962-66 = 100. Valores transformados em Cr\$ de 1971 pelo índice "2" da Conjuntura Econômica.

⁽²⁾ Estimativas preliminares para os produtos de origem animal.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 6 .- Índices de Rendimento por Grupo de Produtos, Estado de São Paulo e Evolução entre as Safras 1974/75 a 1976/77

Grupo	Número de Produtos	Rendimento ⁽¹⁾			Evolução Percentual	
		1974/75	1975/76	1976/77	1975/76	1976/77
					1974/75	1975/76
Produtos tradicionais	3	104,64	139,91	121,71	33,71	-13,01
Produtos em transição	7	113,40	98,25	123,09	-13,36	25,28
Produtos modernos	6	101,90	113,49	119,10	11,37	4,94
Produtos de origem vegetal sem café	15	107,07	124,22	124,49	16,02	0,22
Produtos de origem vegetal (geral)	16	107,29	111,14	121,17	3,59	9,02

(¹) Índice calculado pelo método de Paasche. Índice simples de cada produto, base 1962-66=100, ponderado pela área plantada de cada produto em cada ano.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 7 .- Índices de Área Plantada por Grupo de Produtos, Estado de São Paulo e Evolução entre as Safras 1974/75 a 1976/77

Grupo	Número de Produtos	Área Plantada ⁽¹⁾			Evolução percentual	
		1974/75	1975/76	1976/77	1975/76	1976/77
					1974/75	1975/76
Produtos tradicionais	3	63,10	70,60	57,18	11,89	-19,01
Produtos em transição	7	75,62	80,72	78,56	6,74	- 2,68
Produtos modernos	6	155,14	154,87	171,42	-0,17	10,69
Produtos de origem vegetal sem café	15	92,90	99,27	95,83	6,86	- 3,47
Produtos de origem vegetal	16	92,19	96,52	96,37	4,70	- 0,16

(¹) Índice simples, com base 1962-66 = 100.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

- Produtos de Origem Animal

Em preços reais, esse grupo apresentou um ligeiro acréscimo de 0,9%. Todavia, dentre os produtos componentes, somente a carne suína apresentou sensível variação positiva.

Em quantidade, esse grupo experimentou uma elevação de 5,5%. Como decorrência, os produtos de origem animal registraram um ganho de 3,0% em termos de valor, em relação à 1975/76.

- Produtos de Origem Vegetal

O grupo de produtos de origem vegetal apresenta um acréscimo de 16,1% nas quantidades produzidas e um decréscimo de -8,9% em preços reais. Subtraindo-se o café, essas variações passam a 3,4% e -7,8% para quantidades e preços, respectivamente. Dentre os produtos que compõem esse grupo, tiveram seus preços reais acrescidos: cana-de-açúcar, laranja, soja, feijão, batata, amendoim, arroz, trigo, cebola, mamona e chá verde, enquanto os demais apresentaram redução em seus preços reais. Quanto à quantidade produzida, registraram ganhos: café, cana-de-açúcar, algodão, laranja, soja, feijão, tomate, amendoim, mandioca, banana e cebola.

Em termos de valor real, esse grupo experimentou um acréscimo de 47,0%, em relação à 1975/76. Ao se excluir o café, esse incremento passa a 5,5%. Contribuíram para esse ganho em valor: café, cana-de-açúcar, algodão, laranja, soja, feijão, batata, cebola, mamona e chá verde.

Quanto à área plantada, esse grupo a manteve praticamente inalterada (-0,2%) em relação ao ano anterior, pois as reduções apresentadas por alguns produtos foram quase que totalmente compensadas pelos ganhos de outros. Excluindo-se o café, o grupo experimenta uma queda de -3,5% no seu índice de área plantada.

O rendimento agrícola apresentou-se acrescido de 9,0% em 1976/77; subtraindo-se o café do grupo dos vegetais, o rendimento quase que se manteve inalterado em relação ao ano passado, variando somente de 0,2%. O café, como se nota, é o principal responsável pelo ganho em rendimento do grupo dos produtos vegetais, podendo-se também destacar o algodão, a cebola, o tomate, a mamona, a batata e a cana-de-açúcar.

- Algodão

Em 1976/77 a cotonicultura mundial caracterizou-se por uma recuperação na atividade produtiva, que sofrera acentuada diminuição no ano anterior, enquanto as cotações internacionais apresentaram-se em níveis razoáveis durante todo o período.

Para 1977/78 espera-se que a produção seja superior ao consumo, fato que se registrará pela primeira vez nos últimos três anos, redundando em estoques acentuadamente superiores aos da temporada anterior.

Em 1976/77, após quatro anos de declínio, houve uma recuperação na área cultivada no Estado de São Paulo, possibilitando uma produção (representada pelo volume de

algodão em caroço entrado até o final de setembro nas usinas de beneficiamento do Estado) de 544 mil toneladas, contra 295 mil do período passado.

A comercialização, no entanto, foi bastante desestimuladora, uma vez que o preço médio recebido pelos produtores paulistas foi de Cr\$88,00/arroba, comparado ao de Cr\$80,00 em 1975/76, além de sofrer grande morosidade na concretização dos negócios.

A produção de algodão em pluma da Região Meridional, safra 1976/77, está estimada em 410 mil toneladas (acréscimo de 71%), sendo que o tipo predominante foi inferior ao do ano precedente.

Assim é que o mercado em 1977 caracterizou-se por inexpressivas compras por parte dos usineiros, tendo em vista a fraca demanda da indústria têxtil e exportadores. Durante o ano houve uma série de reivindicações por parte da classe produtora, destacando-se a isenção do ICM ao produto destinado ao exterior e também o subsídio à exportação, dada a sua gravosidade. Mesmo assim, das 100 mil toneladas excedentes, pouco mais de 30 mil toneladas foram escoadas.

Tendo em vista o grande estoque em seu poder, a CFP houve por bem prorrogar os prazos de vencimentos de EGF's até 31/12/77 e, numa medida posterior, até 28 de fevereiro de 1978.

No mercado disponível da Bolsa de Mercadorias de São Paulo, a tendência de baixa foi semelhante a do mercado a nível de produtor, com decréscimos gradativos de fevereiro a setembro.

Ao início do ano agrícola 1977/78 as indicações eram de acentuadas reduções de áreas de plantio no Paraná e São Paulo, tendo em conta os gravames da comercialização. Mais recentemente, contudo, há indicações de uma pequena redução ou mesmo manutenção da área cultivada na estação passada.

- Amendoim

A produção mundial de amendoim em 1977 está estimada em 18,5 a 19,0 milhões de toneladas, contra 18 milhões produzidas em 1976, segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos.

Esse aumento da produção em 1977 deverá ocasionar também incrementos na produção de óleo e farelo de amendoim da ordem de 4%, devendo atingir cerca de 3,5 e 4,2 milhões de toneladas respectivamente.

A produção brasileira de amendoim em 1976/77 foi estimada em 324,0 mil toneladas, contra 528,2 mil obtidas no ano anterior, apresentando um decréscimo de 38,7%, segundo dados da FIBGE relativos a agosto de 1977.

A safra das águas foi de 238.667 toneladas, 41,33% inferior à obtida em igual período do ano anterior. A safra da seca é prevista em 85.421 toneladas, 20,2% inferior à obtida em igual período do ano anterior.

A produção paulista de amendoim das águas em 1977 foi de 152,5 mil toneladas, 40% inferior a do ano passado, enquanto que a produção da seca atingiu 60 mil toneladas, apresentando um decréscimo de 21,9% em relação ao ano anterior.

Os preços recebidos pelos produtores paulistas de amendoim no decorrer de 1977

variaram de Cr\$75,00 a Cr\$110,00/sc de 25kg no primeiro semestre e de Cr\$120,00 a Cr\$134,30 no segundo semestre, o que redundou no preço médio ponderado de Cr\$109,00 ou seja, em valor corrente, 100% superior ao preço médio de 1976.

As exportações brasileiras de amendoim e derivados, no período janeiro-novembro de 1977, foram as seguintes, em toneladas e comparadas com igual período do ano anterior: amendoim em grão, 20.504 (+24,6%); farelo, 46.581 (-46,1%) e óleo, 46.544 (-49,75%).

- Arroz

A FIBGE, em seu último levantamento de agosto p.p., estima a produção brasileira de 1976/77 em 8.932 mil toneladas, correspondendo a um decréscimo de 6,6% em relação ao ano anterior.

O Rio Grande do Sul, cujas previsões eram de recuo de área, chegou a estendê-la em cerca de 8,8%, em função da estrutura envolvida, contribuindo com 2.105 mil toneladas (+13,8%). Em consequência, o estado continua na linha de frente como produtor nacional. A seguir situa-se o Mato Grosso, que graças aos incentivos envolvidos e às necessidades locais da cultura, expandiu a superfície em 3,5%, obtendo uma produção de 2.096 mil toneladas.

Os demais estados da região Centro-Sul, não obstante haverem optado por outras culturas mais seguras, em função do elevado risco do cultivo de sequeiro predominante na região, ainda foram responsáveis por cerca de 81% do volume total produzido no País,

Em vista dos remanescentes da super safra de 1975/76 e do volume obtido na temporada recente, a comercialização foi bastante dificultada, sendo que em todos os níveis de comércio, a remuneração foi bastante aquém das expectativas.

Face a essa situação, o Governo interviu no mercado, adquirindo através da CFP e COBAL grandes quantidades do produto. De acordo com os últimos dados referentes aos estoques oficiais de outubro p.p., esse volume teria chegado a 1.700 mil toneladas.

Com referência as exportações, o interesse estrangeiro e a necessidade interna de reduzir o excedente, possibilitou ao Brasil assumir compromissos de venda com vários países, ainda que através de barganha de produtos ou operações subsidiadas, em vista da gravosidade do produto brasileiro no mercado internacional. Apesar das vendas terem sido suspensas em abril p.p. até uma definição da oferta e do desempenho do mercado nas condições vigentes na safra 1976/77, os contratos assumidos vem sendo cumpridos.

Mesmo com todas essas intervenções, e ainda com as exportações de 373.521 toneladas até novembro, o mercado pouco reagiu no decorrer do 1º semestre do ano. Entretanto no segundo semestre, ou mais precisamente, nos três últimos meses de 1977; o mercado passou a se firmar em vista da menor oferta do produto e, diante da dificuldade dos beneficiadores e empacotadores na sua aquisição, tanto a COBAL como a CFP passaram a dispor de seus estoques.

- Cana-de-açúcar, açúcar e álcool

As últimas previsões, realizadas em dezembro próximo passado, sobre a produção mundial de açúcar na temporada 1977/78, forneceram os seguintes dados, em 1.000 toneladas:

	1976/77	1977/78	Variação %
Açúcar de beterraba	32,2	36,2	+ 12,4
Açúcar de cana	54,4	55,8	+ 2,6
Total de açúcar	87,6	92,0	+ 5,0

Em razão do consumo mundial para o mesmo período estar sendo estimado em aproximadamente 86,0 milhões de toneladas, deverá ter-se novos aumentos no já bastante elevado estoque mundial.

Com a ratificação do novo Acôrdio Internacional do Açúcar, este deverá vigorar a partir de 1 de janeiro de 1978. Inicialmente os países exportadores deverão reduzir suas cotas de exportação devido as cotações, no mercado internacional, estarem abaixo do previsto no referido Acôrdio, de US\$0,11 a US\$0,21 por libra pês.

Até o momento a presente safra de açúcar, no Brasil, está sendo estimada ao redor de 8,4 milhões de toneladas, que se comparada com a produção anterior e a produção média dos últimos cinco anos, 7,2 milhões de toneladas e 6,5 milhões de toneladas respectivamente, indica crescimento da ordem de 16,7% e 29,2%. Estas percentagens refletem o vigoroso crescimento da produção de açúcar nestes últimos anos.

Em São Paulo, principal estado produtor e cuja safra já se encerrou, a disponibilidade de matéria prima nesta temporada permitiu uma produção superior à inicialmente prevista pelo Plano de Safra (65,0 milhões de sacas de 60kg) e 15,5% à obtida em 1976/77.

Como consequência da grande ênfase dada a produção de álcool pelo Governo Federal, para fins de seu uso como combustível, a produção paulista, apesar de não ter alcançado a meta inicial de 1.168,0 milhões de litros prevista no Plano de Safra, alcançou o total recorde de 1.073,4 milhões de litros. Se comparada esta produção com a obtida na última safra, tem-se um acréscimo de 138,6%, o que permite visualizar a sua grandeza.

Conforme fontes não oficiais, a exportação brasileira de açúcar em 1977 teria superado a 2,4 milhões de toneladas, portanto bem superior as realizadas nos últimos três anos e situando-se pouco abaixo das efetuadas nos anos de 1972 e 1973. Porém, o preço médio do produto exportado, ao redor de US\$181,90/tonelada foi o menor dos últimos cinco anos. A receita cambial, em razão do grande acréscimo na quantidade exportada, foi superior a conseguida no último ano, apesar do preço FOB tão baixo.

- Feijão

Graças a uma expansão na área cultivada (+8,3%) e a uma melhoria na produtividade, a safra brasileira de feijão em 1976/77 alcançou 2.317 mil toneladas, segundo a FIBGE, o que corresponde a um acréscimo de 25,8% em relação a anterior.

O desempenho do mercado na safra 1975/76, com retornos altamente compensadores, se constituiu no principal estímulo da leguminosa no ano agrícola 1976/77.

A safra das águas (concluída em janeiro de 1977) apresentou um volume de 1.092 mil toneladas (+13,5%), contribuindo com 47,1% da produção total.

Apesar dessa evolução no volume produzido, o feijão comercializado não chegou a ter grande influência nos preços, os quais se mantiveram elevados até janeiro p.p..

Nessas circunstâncias, os produtores se viram estimulados para a safra da seca, cujo plantio se iniciava justamente nessa época (janeiro-fevereiro de 1977), resultando numa área de cultivo de 2.708 mil hectares (+14,7%) e uma produção de 1.225 mil toneladas (+39,2%). Mesmo com a entrada desse produto no mercado, em meados de maio, as cotações atingiram os valores mais elevados. A partir daí o comércio começou a decair, mas com níveis de preço ainda bastante remuneradores.

Dessa maneira, no Estado de São Paulo, a média dos preços recebidos pelos produtores em 1976/77 foi de Cr\$500,00/sc de 60kg, 12,9% superior a do ano passado.

Em consequência houve uma nova motivação para a safra das águas de 1977/78. O plantio iniciado em agosto-setembro p.p., segundo os dados disponíveis também foi bastante significativo, mas os resultados finais, entretanto, ficaram comprometidos em função das chuvas ocorrentes por ocasião da colheita.

A entrada desse feijão no mercado e a qualidade inferior do mesmo contribuíram para um declínio nos preços, inclusive aquém do mínimo fixado, levando a CFP a intervir na comercialização.

Para o feijão preto, não obstante sua carência em 1976 e a melhor atenção dada ao produto em 1977, novamente o mercado se mostrou com um desequilíbrio de oferta e demanda, exigindo do Governo medidas que resultaram na importação, principalmente do México, de aproximadamente 70 mil toneladas, com vistas ao abastecimento do Grande Rio. Com a retirada da tabela em setembro p.p., as perspectivas quanto a área cultivada em 1977/78 mostram-se favoráveis.

- Milho

Os elevados níveis da oferta mundial de cereais durante o ano comercial 1976/77 provocaram uma queda acentuada das cotações internacionais deste produto, cujo valor médio em 1977 foi de US\$90/tonelada, em contraposição aos US\$108/tonelada observados no ano anterior. Esse declínio teve início em outubro de 1976 e somente no último trimestre de 1977 apresentou sinais de recuperação, em resposta à redução da safra soviética, bem como ao aumento das necessidades chinesas. Todavia, os preços continuam ainda em um nível bastante baixo.

Internamente, no que se refere a produção, pode-se dizer que em 1976/77 a cultura apresentou um desempenho razoável, atingindo um volume 19,2 milhões de tonela-

das contra 17,8 milhões de toneladas em 1975/76, conforme dados da FIBGE. Entretanto, em relação a comercialização não se pode dizer o mesmo: o mercado interno foi muito afetado pelas baixas cotações internacionais do produto, o que dificultou sua colocação no mercado externo. Como reflexo, verifica-se uma redução da área cultivada com milho neste anos agrícola de 1977/78.

Os preços médios recebidos pelos produtores paulistas em 1977, em valores reais, foram cerca de 18% inferiores aos de 1976, enquanto que em valores correntes houve um acréscimo ao redor de 15%.

- Soja

Nos primeiros quatro meses de 1977 os preços da soja no mercado internacional apresentaram sucessivas altas, reflexo da menor produção e redução nos estoques mundiais.

Entretanto houve uma baixa nas condições internacionais a partir de maio de 1977, devido aos seguintes fatores:

- a) retração da demanda ocasionada pelas altas cotações do produto, em relação a outros grãos forrageiros;
- b) perspectivas de recuperação na indústria pesqueira no Perù, e correspondente aumento na oferta de farinha protéica;
- c) redução da atividade industrial de processamento da soja nos Estados Unidos e Europa Ocidental;
- d) aumento da quantidade de cereais na Comunidade Econômica Européia; e
- e) aumento na área de plantio de soja nos Estados Unidos, resultando em um acréscimo de 33% na produção.

Em maio os preços internacionais do grão estavam ao redor de 371 dólares/tonelada - Rotterdam, chegando a 209 dólares em outubro, em razão dos maiores estoques de soja nos Estados Unidos. A partir de então, em função de diversos fatores (como morosidade dos embarques brasileiros de soja em grão; greve dos transportes e condições climáticas adversas dificultando a colheita nos Estados Unidos) os preços internacionais de soja apresentaram-se em ligeira recuperação, alcançando 240 dólares/tonelada em dezembro.

A produção brasileira de soja em 1976/77 teria sido de 12,5 milhões de toneladas, de acordo com dados de agosto da FIBGE, significando um acréscimo 13,6% em relação a safra anterior.

Entretanto, a Comissão de Financiamento da Produção estimou a safra 1976/77 em 12,1 milhões de toneladas, que somada aos estoques iniciais de 300 mil toneladas, perfaz uma oferta total de 12,4 milhões de toneladas. Destas, 800 mil foram reservadas para sementes, 2,85 milhões de toneladas foram destinadas para exportação e 8,35 milhões de toneladas às indústrias, o que deverá resultar num estoque inicial para a safra 1977/78 de 400 mil toneladas.

Os preços da soja e seus derivados no mercado interno apresentaram-se em elevação contínua em 1976/77, acompanhando a tendência altista do mercado internacional.

Assim, o Governo Federal estabeleceu uma taxa de contribuição da ordem de 7% "ad valorem", elevada posteriormente para 12%, sobre os preços FOB de exportação da soja e seus derivados, a fim de subsidiar o farelo e óleo de soja, consumidos internamente. Com a queda dos preços internacionais, esta alíquota foi reduzida para 7% e 4%, até sua eliminação final em 17 de agosto de 1977.

A comercialização da safra brasileira em 1977, processou-se com lentidão, em decorrência da expectativa, por parte dos produtores, de que os preços voltassem aos níveis que vigoraram em abril.

Os embarques brasileiros de soja e derivados de janeiro a novembro de 1977, comparados com igual período do ano anterior, foram os seguintes, em toneladas: soja em grão, 2.582.779 (-28%); farelo, 4.900.065 (+19,2); óleo, 431.179 (+7,9).

Os preços médios recebidos pelos produtores paulistas em 1977 apresentaram-se em elevação durante os primeiros cinco meses do ano, passando de Cr\$154,30/sc de 60kg em janeiro para Cr\$207,50 em maio. A partir de então, verificaram-se declínios sucessivos, chegando a Cr\$140,20/sc de 60kg em setembro de 1977, com ligeira recuperação nos 3 últimos meses do ano.

Em moeda corrente, o preço médio de 1977 foi 51,6% superior ao de 1976. Em valor real, isto significa um acréscimo de 6,17%.

Os preços observados em toda a região Centro-Sul durante o ano de 1977 levaram os produtores a aumentar a área cultivada para o ano agrícola 1977/78, devendo, em condições normais, proporcionar uma produção da ordem de 12,5 a 13,5 milhões de toneladas.

- Tomate

Fazendo-se uma análise retrospectiva do tomate comercializado no mercado atacadista do CEAGESP em 1977, tem-se: em fevereiro e maio a estiagem prejudicou a semeadura de tomate rasteiro, o que se refletiu na comercialização do tomate in-natura em março-abril, uma vez que nesses meses não houve o habitual fluxo do produto desse origem para o mercado da fruta fresca, o que contribuiu para atenuar a alta de preços.

Na região produtora de Campinas, cuja safra maior ocorre de maio a novembro, ocorreram doenças durante junho a setembro, face à elevada temperatura e falta de tratamentos culturais adequados.

Na região de Sorocaba, em outubro, mesmo sendo época de início de safra, foi evidente o desentímulo dos agricultores face aos elevados custos de produção e comercialização.

Este ano a safra do Espírito Santo, que é em grande parte encaminhada para o CEASA-Grande Rio, terminou em setembro, mais cedo que normalmente. A partir de outubro, então, São Paulo passou a mandar uma maior quantidade para o Rio de Janeiro, colaborando com a elevação das cotações de tomate no mercado paulista.

O preço médio ponderado, a nível atacadista, para o tomate de mesa, em 1977,

foi de Cr\$94,30/cx., contra Cr\$117,20/cx. em 1976, este em valor real, calculado em cruzeiro de 1977.

- Pecuária de Corte

Em São Paulo o mercado para pecuária de corte apresentou-se um tanto instável durante 1977, principalmente no primeiro semestre. Pode-se notar desinteresse por parte dos pecuaristas pela atividade criatória, com uma diminuição na comercialização de animais de cria, em consequência dos preços recebidos.

A partir de abril observou-se uma alta nos preços do boi magro, devido a escassez desses animais no mercado, aliado ao aumento da procura que normalmente ocorre nessa época do ano.

Nos meses seguintes as cotações dos animais para engorda continuaram com tendências altistas, refletindo as dificuldades de aquisição daqueles, atribuída em grande parte ao abate de matrizes ocorridas há alguns anos.

Os animais prontos destinados ao abate também tiveram altas acentuadas em seus preços, principalmente a partir do segundo semestre do ano. No mês de dezembro a arroba do boi gordo esteve com o preço médio no Estado em torno de Cr\$266,90, o boi magro a Cr\$2.207,50/cabeça e o bezerro a Cr\$885,60/cabeça. Mesmo com a entrada da safra e a aquisição de carne pela COBAL para formação de estoques, acredita-se que a tendência altista dos preços continue nos próximos meses, uma vez que a disponibilidade de animais deverá ser menor que em anos anteriores.

No mercado internacional o crescimento da produção mundial de carne em 1977 apresentou um pequeno incremento em relação ao ano anterior. Na América do Norte e Europa Oriental a produção de carne bovina sofreu redução, que deverá continuar por alguns meses de 1978. Na Austrália, um dos grandes exportadores mundiais do produto, a produção de carne esteve em torno de 1,64 milhões de toneladas, enquanto que em 1976 chegou a 1,78 milhões de toneladas. Na Argentina, em consequência dos baixos preços do mercado internacional a produção de 1977 foi de 2,6 milhões de toneladas, o que também representa numa redução em comparação a 1976 (2,8 milhões de toneladas).

Os preços internacionais deverão aumentar em 1978, devido a uma possível queda na produção de carne bovina, o que virá a favorecer aos exportadores mundiais, ainda mais face as perspectivas de um aumento na aquisição do produto pelos países importadores e a ampliação do mercado com a entrada de novos consumidores mundiais da carne importada.

- Pecuária Leiteira

Como reflexo dos baixos preços recebidos pelos produtores em 1976, o ano de 1977 iniciou-se com déficit de leite no mercado, já que a produção estadual de leite em janeiro foi 6% inferior a do correspondente período do ano anterior.

Na Grande São Paulo a situação agravou-se em fevereiro, quando a quantidade total do produto distribuído "in natura" só conseguiu atender 75% do seu consumo potencial.

Visando equilibrar o mercado, o Conselho Nacional do Abastecimento baixou a

Resolução nº 2, de 24/02/77, autorizando a SUNAB a fixar com antecedência os reajustes de preços a serem concedidos ao produtor. Dessa maneira, os preços estipulados aos produtores que abasteciam a Grande São Paulo foram fixados em Cr\$2,40, Cr\$2,85 e Cr\$3,20/l a partir de março, maio e junho, respectivamente. A partir da mesma data (19 de março), o produto no interior ficou tabelado a Cr\$2,30/l para o produtor e a Cr\$3,20/l para o consumidor, permanecendo, portanto, a política de preços diferenciados segundo a destinação do produto.

O 1º reajuste, que não equiparou o preço ao valor real recebido em agosto de 1976, não chegou a estimular a produção. Tal fato, agravado pelo mau estado das pastagens devido a estiagem, fez com que até setembro a produção estadual de leite se situasse 2,5% aquém da verificada no mesmo período de 1976.

Para suprir as necessidades do produto, o Governo viu-se forçado a importar mais de 40 mil toneladas de leite em pó, já que seu plano de estocagem previsto para 1977 não foi concretizado.

A partir de novembro as chuvas constantes favorecendo as pastagens, contribuíram para o aumento da produção do leite tipo C em toda região Centro-Sul.

O último reajuste parece ter alcançado seu objetivo de estimular a produção, já que se nota maior interesse pela pecuária leiteira em diversas regiões do Estado e se vislumbra melhor desempenho do setor em 1978.

Com relação ao plano de estocagem de leite em pó para 1978, os recursos financeiros já estão à disposição da indústria no Banco do Brasil, permitindo que, em tempo hábil, seja efetuada a estocagem. Caso sejam efetivadas as propostas, é provável que o País não necessite de importações adicionais para o ano.

CESTA DE MERCADO

Em dezembro de 1977 o valor da Cesta de Mercado atingiu Cr\$1.871,71, o que representa um acréscimo de 1,9% em relação a novembro. Essa taxa foi superior à observada em dezembro de 1976 em relação a novembro do mesmo ano (-0,5%).

A evolução da Cesta de Mercado no ano de 1977 foi de 36,1%, contra 37,3% em 1976, com os produtos de origem vegetal crescendo 27% e os de origem animal, 55,6% (quadro 8).

Analisando-se o comportamento em separado dos grupos de gêneros alimentícios, verifica-se em dezembro uma elevação da despesa média com produtos de origem vegetal (0,4%) inferior aquela observada com os produtos de origem animal (4,7%) (quadro 9).

As elevações mais representativas em dezembro foram para: fubã mimoso (60,7%); beterraba (28,4%); chuchu e espinafre (22,8%); pimentão (20,1%); pêssego (20,7%); agrião (19,8%); mamão (15,8%); abacate (15,7%); repolho (15,0%); alface crespa (14,6%); abobrinha (14,0%); escarola (13,9%); alface lisa (13,0%); cenoura (12,6%); almeirão e couve (11,7%); beringela (10,3%); abóbora (8,8%); carne bovina (8,7%); salsa e cebolinha (7,7%); cebola (7,6%); ovos (7,2%); abacaxi (6,7%); tomate (6,4%); man-

QUADRO 8. - Variações Percentuais da Cesta de Mercado, São Paulo, 1977

Mês	Variação em relação a		
	Mês anterior	Dez.1976	Mesmo mês de 1976
Jan.	5,4	5,4	40,0
Fev.	1,5	7,0	34,2
Mar.	5,8	13,2	38,1
Abr.	5,5	19,4	42,3
Mai.	2,0	21,8	38,8
Jun.	1,3	23,4	38,5
Jul.	0,7	24,2	37,4
Ago.	1,6	26,2	32,2
Set.	1,3	27,8	30,5
Out.	2,6	31,2	32,8
Nov.	1,8	33,5	32,8
Dez.	1,9	36,1	36,1

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

QUADRO 9. - Variações Percentuais dos Custos de Alimentação de Produtos de Origem Vegetal e Origem Animal e do Total da Cesta de Mercado São Paulo, 1976-77

Mês	Produtos de origem vegetal		Produtos de origem animal		Total	
	1976	1977	1976	1977	1976	1977
Jan.	4,0	4,3	2,4	8,0	3,4	5,4
Fev.	9,1	1,2	0,3	2,2	5,8	1,5
Mar.	2,3	5,3	4,4	6,7	2,8	5,8
Abr.	4,0	6,6	-0,9	3,2	2,3	5,5
Mai.	7,1	0,6	0,6	4,9	4,9	2,0
Jun.	1,8	1,1	-0,2	1,5	1,1	1,3
Jul.	1,6	-1,5	1,2	5,0	1,5	0,7
Ago.	5,1	1,8	6,6	1,3	5,6	1,6
Set.	3,3	1,8	1,4	0,5	2,7	1,3
Out.	0,7	2,7	1,0	2,4	0,8	2,6
Nov.	2,0	0,1	1,4	4,9	1,8	1,8
Dez.	-1,0	0,4	0,5	4,7	-0,5	1,9
Variação acumulada	47,9	27,0	18,8	55,6	37,3	36,1

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

dioca (6,3%); laranja (6,1%); vagem manteiga (5,3%); pepino (5,2%); macarrão (4,9%); farinha de mandioca (4,4%); toucinho (4,2%); farinha de milho (3,8%); banha de porco (3,7%); goiaba (3,6%); carne de porco (3,5%); óleo de arroz (3,2%); melância (3,0%); óleo de amendoim (2,7%) e tangerina (2,6%).

As maiores reduções foram para: limão tahiti (-53,0%); limão galego (-42,2%); morango (-18,7%); uva (-17,9%); feijão a granel (-8,1%); feijão pacote (-7,3%); figo (-6,0%); batata (-2,9%) e batata doce (-2,6%).

CRÉDITO RURAL

A continuidade de rígida política monetária implantada no ano precedente, cujas intenções e objetivos foram reafirmados com vigor reiteradas vezes pelo Ministro da Fazenda, fizeram com que o crédito rural desfrutasse de menor notoriedade em 1977, em que pese as pesadas limitações a que esteve sujeito.

De fato, dados preliminares indicam que para um crescimento de 37% nos meios de pagamento neste ano, o saldo das aplicações do sistema financeiro na agropecuária evoluiu apenas 34,6%, taxa esta sensivelmente inferior à da inflação, que atingiu nível de 38,7%.

Uma habil distribuição destes recursos, no entanto, canalizando-os para a área de comercialização no período de abril a setembro, principalmente, e ao custeio de produção nos meses finais do ano, fez com que as principais necessidades dos produtores rurais fossem atendidas. A capitalização do setor, representada pelos créditos de investimento, no entanto, deve ter sido substancialmente comprometida.

Assim pode o Governo Federal dar suficiente cobertura à comercialização da safra 1976/77, que encontrou uma situação de mercado extremamente difícil, dado o grande volume produzido internamente aliado a preços bastante baixos vigentes no mercado internacional, impedindo a exportação do excedente existente.

Como consequência, o saldo dos descontos à comercialização concedidos pelo Banco Central do Brasil às instituições financeiras que operam no setor alcançou a cifra máxima de Cr\$3,94 bilhões em maio, o que representa um incremento de 38,8% em relação à igual mês do ano anterior. Paralelamente, o saldo das operações de sustentação da política nacional de preços mínimos, realizados pelo Banco do Brasil, atingiram o montante máximo de Cr\$24,3 bilhões em setembro passado, valor este 65,8% superior ao pico do ano anterior, constatado também no mês de setembro.

Com relação ao custeio da produção ainda inexistem dados que permitam uma aproximação do problema, mas as indicações mostram estar ele razoavelmente atendido. De fato, com a cessação das operações de comercialização agrícola, limitadas a até setembro na região Centro-Sul, os recursos ali alocados foram transferidos para o custeio da produção. Paralelamente, o Banco do Brasil trabalhando fora dos limites impostos pelo orçamento monetário, pode atender a boa parte da demanda então existente. Como consequência, em outubro essa instituição financeira respondia por quase 74% das aplicações do sistema monetário à agropecuária brasileira, o que sem dúvida representa

um serio óbice à continuidade do Sistema Nacional de Crédito Rural.

Causa preocupações, porém, a evolução das aplicações em investimento em São Paulo. A escassez dos recursos destinados a essa finalidade e a elevada direcionalidade dos poucos então disponíveis, na medida em que se sujeitam as disposições específicas de programas especiais, faz prever uma queda acentuada no ritmo de capitalização da empresa rural, sempre muito dependente de recursos externos para a realização de investimentos. É certo que em passado recente a facilidade de recursos então disponíveis favoreceu numa obsolencia forçada de máquinas e equipamentos, além de estimular aplicações pouco produtivas. Uma situação exatamente oposta agora vigindo, principalmente se prolongada por períodos sucessivos, poderá levar a uma queda na rentabilidade da empresa rural paulista, com todas as desvantagens que isto acarreta, notadamente face à queda da produtividade e elevação dos custos reais da produção.